

Quem cuida de quem cuida: um olhar para a equipe paliativista na área pediátrica

Who cares who cares: a look at the paliativist team

DOI:10.34117/bjdv8n6-181

Recebimento dos originais: 21/04/2022

Aceitação para publicação: 31/05/2022

Gabrieli Ranolfi Tonso

Especialista em Análise do Comportamento Aplicado (ABA) ao Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Instituição: Hospital São José de Itajobi

Endereço: Rua Cocal, 550, Jd dos Coqueiros, Catanduva - SP, CEP: 158030-000

E-mail: gabrieliranolfi@hotmail.com

Camila Heloise Nascimento de Jesus

Graduação em Terapia Ocupacional

Instituição: Associação de Assistência à Criança com Deficiência (AACD) e Hospital Municipal de Mogi das Cruzes, Prefeito Waldemar Costa Filhos

Endereço: Gilberto Gagliard, 210, Vila Nova Cintra

E-mail: milaaheloise@gmail.com

Andréa Rizzo dos Santos

Doutorado

Instituição: Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília

Endereço: Rua Araraquara, 306, apto 102, Condomínio Central Park, Bairro Alto

Cafezal, Marília - SP, CEP: 17504-086

E-mail: andrea.rizzo@unesp.br

RESUMO

Cuidados Paliativos são definidos como uma abordagem de assistência que se caracteriza pelo alívio de sintomas e manutenção do bem-estar dos pacientes e seus familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida. No Brasil, a aplicação dos Cuidados Paliativos se dá desde o final da década de 1990, com maior distribuição dos serviços no Estado de São Paulo. A intervenção trata os sintomas de natureza física, social, emocional e espiritual, respeitando a integralidade do ser humano. Requer um trabalho de equipe multiprofissional, conhecimento e equilíbrio para lidar com a complexidade das demandas do cuidado, sobretudo quanto aos sentimentos diversos em relação à morte. Conhecer e retratar o cenário de trabalho da equipe de Cuidados Paliativos sob os aspectos de apoio e preparo psicológico da equipe, é, pois, o problema destacado nesta pesquisa. Este estudo teve por objetivo analisar a percepção de profissionais de cuidados paliativos, na área pediátrica, quanto a aspectos da formação e apoio para as intervenções. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com análise qualitativa e participantes selecionados por critério de conveniência. O estudo foi desenvolvido em um hospital oncológico de uma cidade de grande porte do interior do Estado de São Paulo. Para a coleta de dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada aos profissionais que atuavam em Cuidados Paliativos na referida instituição. Os resultados desta pesquisa mostraram que os profissionais que compõem a equipe paliativista não recebem suporte para o

enfrentamento de desgaste emocional que o trabalho demanda. A equipe apontou sugestões de ações que poderiam ser implementadas pela instituição, dentre as quais a criação de espaços para discussão e reflexão sobre a morte. Considerando-se que os Cuidados Paliativos no Brasil se encontram em constante expansão, e levando em conta a importância do apoio para a equipe multiprofissional que atua nessa área de cuidado, a promoção de estudos que produzam reflexões voltadas ao aprimoramento técnico-científico dos Cuidados Paliativos neste campo de conhecimento têm impacto social direto e trazem subsídios para a formação do profissional de saúde.

Palavras-chave: cuidados paliativos, equipe de assistência ao paciente, terapia ocupacional.

ABSTRACT

Palliative Care is defined as an approach to assistance that is characterized by relief of symptoms and maintenance of well-being of patients and their families when facing diseases that threaten the continuity of life. In Brazil, Palliative Care has been applied since the end of the 1990s, with greater distribution of services in the state of São Paulo. The intervention treats symptoms of a physical, social, emotional, and spiritual nature, respecting the integrality of the human being. It requires a multi-professional team work, knowledge, and balance to deal with the complexity of the demands of care, especially regarding the various feelings about death. To know and portray the work scenario of the Palliative Care team under the aspects of psychological support and preparation of the team, is, therefore, the problem highlighted in this research. This study had as its objective to analyze the perception of palliative care professionals, in the pediatric area, as to aspects of training and support for interventions. This is a descriptive research, with qualitative analysis and participants selected by convenience criteria. The study was developed in an oncology hospital in a large city in the interior of the state of São Paulo. For data collection a semi-structured interview was applied to the professionals that worked in Palliative Care at the mentioned institution. The results of this research showed that the professionals that make up the palliative care team do not receive support to face the emotional stress that the work demands. The team pointed out suggestions of actions that could be implemented by the institution, among which is the creation of spaces for discussion and reflection on death. Considering that Palliative Care in Brazil is in constant expansion, and taking into account the importance of support to the multiprofessional team that acts in this care area, the promotion of studies that produce reflections directed towards the technical-scientific improvement of Palliative Care in this field of knowledge has a direct social impact and brings subsidies to the formation of health professionals.

Keywords: palliative care, patient care team, occupational therapy.

1 INTRODUÇÃO

Cuidados Paliativos são definidos como uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes (adultos e crianças) e seus familiares que estão enfrentando problemas associados a uma doença ameaçadora da vida. Previne e alivia o sofrimento por meio da identificação precoce, correta, alívio e tratamento da dor e outros problemas, sejam eles físicos, psicossociais e/ou espirituais¹.

Os Cuidados Paliativos surgiram no Reino Unido, na década de sessenta, do século XX², quando foi criado o St. Christopher Hospice, em Londres. Seu surgimento foi consequência dos trabalhos de Cicely Saunders, que sistematizou conhecimentos voltados para o alívio da dor e do sofrimento relativos ao final da vida, abrangendo aspectos orgânicos, psicoemocionais, sociais e espirituais da pessoa doente e daqueles que participam de sua vida. No Brasil, os primeiros serviços de Cuidados Paliativos começaram a surgir no final dos anos 80, primeiramente no Rio Grande do Sul, com a anexação de um Serviço de Cuidados Paliativos ao Serviço da Dor do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e, depois, no Rio de Janeiro, através do Instituto Nacional do Câncer.

Os Cuidados Paliativos requerem solidariedade, compaixão, apoio e alívio do sofrimento pela sua complexidade. A equipe multiprofissional de saúde oferece apoio aos familiares, porém esta comunicação é difícil, devido ao estado terminal em que se encontra o indivíduo³.

Um indivíduo sob Cuidados Paliativos é visto pela equipe multiprofissional de saúde como alguém em estado de sofrimento biológico, porém, os profissionais não visam somente à saúde física do mesmo, mas também dirigem a atenção para a sua autonomia e outras demandas do contexto de vida, como, por exemplo, sua família⁴.

Tendo em vista que a autonomia do indivíduo é de suma importância para a equipe do cuidado paliativo, os profissionais aumentam o seu entrosamento profissional e pessoal⁴ com o paciente e os familiares.

Dentro dos modelos de assistência paliativa, existem aqueles que incluem terapias complementares como massagem, hipnose e psicoterapia que podem ser oferecidas em casa sem modificar a rotina do paciente⁴.

Uma situação conflituosa para os profissionais da área da saúde é a grande dificuldade em lidar com a morte, justificada pelo sofrimento e negatividade. Essa dificuldade em lidar com a terminalidade poder ser amenizada criando-se espaços para que os membros das equipes multiprofissionais de saúde e estudantes da área possam refletir e expressar suas angústias, já que no dia a dia não se discutem questões relacionadas às perdas. Os Cuidados Paliativos, dentre eles os realizados na área pediátrica, são um desafio para as equipes multiprofissionais, que precisam ser preparadas para lidar com o sentimento de perda⁴.

O tema Cuidados Paliativos é dificilmente incluído na grade curricular dos cursos das áreas da saúde, contudo, todos os profissionais deveriam ter formação básica em Cuidados Paliativos⁵.

O Brasil encontra-se atrasado em relação a outros países no referido assunto, pelas limitações econômicas e também pela escassa formação em recursos humanos. Anualmente, mais de cem milhões de pacientes se beneficiam dos Cuidados Paliativos, mas esses beneficiários representam pouco menos de 8% dos que tem acesso a esse tipo de assistência. No ano de 2010 o Brasil preencheu a 38º posição e em 2015 passou a preencher a 42º em qualidade de morte. Já o Reino Unido e a Austrália representam os países com melhores índices⁵.

Identifica-se que cada país tem aderido a diferentes programas em Cuidados Paliativos devido aos contrastes nas políticas de saúde e necessidades dos pacientes e seus familiares, contando com a prevalência do modelo ambulatorial de financiamento público para o atendimento aos pacientes mistos ou oncológicos, predominando a assistência à população idosa⁵.

A aplicação dos Cuidados Paliativos, no Brasil, é decorrente desde o final da década de 1990. Atualmente, dispõe de aproximadamente 40 equipes trabalhando em 300 leitos hospitalares destinados a esse tipo de cuidado, estimando-se que metade dos serviços é encontrada no Estado de São Paulo. No entanto, mesmo com um contexto prospectivo ainda não existem leis constitucionais sobre Cuidados Paliativos⁵.

O Brasil possui o compromisso de elaborar para 2018 o Atlas Brasileiro de Cuidados Paliativos, que resumirá os tópicos que compõem a linha de assistência para os Cuidados Paliativos, são eles: controle impecável de dor e outros sintomas, conforto, prevenção de agravos e incapacidades, promoção da independência e autonomia, manutenção de atividades e pessoas significativas para o doente, ativação de recursos emocionais e sociais de enfrentamento do processo de adoecimento e terminalidade, ativação de redes sociais de suporte e apoio e orientação à família e cuidadores⁵.

A abordagem em Cuidados Paliativos é voltada para o ser humano em sua integralidade e necessidade de intervenção em sintomas de natureza física, social, emocional e espiritual, que se apresentam como uma forma inovadora de assistência, em trabalho necessariamente de equipe de caráter multiprofissional⁵.

O vínculo com o paciente, sobretudo crianças e adolescentes, torna mais difícil o processo de Cuidados Paliativos, e nessa situação, alguns profissionais evitam a aproximação e afetividade dificultando o processo de envolvimento com a família⁶.

Para todos os envolvidos desde o paciente, seus familiares e a equipe multiprofissional de saúde os Cuidados Paliativos são experiências desafiadoras, pois sempre estão associadas a uma sentença de morte causando muita dor, tristeza e

sofrimento. Entretanto, a experiência desafiadora pode ser um grande crescimento e aprendizagem pessoal e profissional, ressignificando os valores e crenças de cada indivíduo⁶.

Os sentimentos atribuídos e a maneira de enfrentamento são particulares de cada profissional, mas todos que os vivenciam sofrem influências das dificuldades do dia a dia. Com o passar do tempo, ao lidarem muitas vezes com tais experiências, a equipe multiprofissional de saúde acaba tornando-se fria, indiferente e se distanciando para se protegerem e diminuírem o sentimento de fracasso, o que acaba dificultando a eficácia do trabalho em equipe e a boa relação com os familiares⁶.

Em decorrência da nossa cultura ocidental que vincula o assunto morte a um tabu, no cotidiano da equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos, a perda de um paciente não é discutida entre eles, apenas se constata o falecimento, e a rotina de cuidados volta ao normal. Para melhorar a qualidade do serviço prestado se fazem necessários espaços⁶ de acolhimento com atividades expressivas e discussões sobre o assunto, a fim de que esses profissionais consigam enfrentar os seus sentimentos de tristeza, angústia e impotência, além de compartilharem entre si de um período de interação e distração, aliviando a sobrecarga emocional e alta jornada de trabalho⁶. Desta forma, conhecer e retratar o cenário de trabalho dos profissionais de Cuidados Paliativos sob os aspectos de apoio e preparo da equipe, é, pois, o problema destacado nesta pesquisa. Especificamente, se faz pertinente a indagação sobre qual cuidado é oferecido pelo serviço de saúde às equipes que trabalham com Cuidados Paliativos na infância e adolescência, uma vez que atualmente os Cuidados Paliativos estão em franca expansão em hospitais e clínicas do país.

Para responder a tal questão, esta pesquisa objetivou analisar a percepção de profissionais de cuidados paliativos, na área pediátrica, quanto a aspectos da formação e apoio para as intervenções. objetivou identificar e analisar quais os cuidados prestados para apoiar a equipe multiprofissional paliativista que atende a crianças e adolescentes hospitalizados.

2 METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo descritivo com análise qualitativa. A amostra foi selecionada por critério de conveniência.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (ANEXO 1 e 2).

Participaram da pesquisa uma equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos Pediátrico de um hospital oncológico de uma cidade de grande porte do interior do Estado de São Paulo.

Fizeram parte da amostra quatro profissionais, sendo um médico, uma enfermeira, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional. Os profissionais que aceitaram participar receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, com 13 questões que versaram sobre o que a equipe multiprofissional paliativista pensa sobre o oferecimento de cuidados, por parte da instituição aos profissionais que atuam em Cuidados Paliativos, identificando a problematização dentro do serviço.

O roteiro de entrevista contemplou 13 questões sendo elas: 1) se os profissionais tiveram disciplinas que abordaram os Cuidados Paliativos no seu curso de graduação; 2) se possuem especialização em Cuidados Paliativos; 3) sobre a percepção de quais profissionais devem compor uma equipe de Cuidados Paliativos; 4) qual o perfil desses profissionais; 5) sobre qual a importância dos Cuidados Paliativos para o paciente e para a família do paciente; 6) qual a importância dos Cuidados Paliativos para manutenção do vínculo e comunicação na relação paciente, família e equipes; 7) se existem dificuldades para a equipe no processo dos Cuidados Paliativos; 8) se há profissionais que atendem a equipe de paliativistas no hospital; 9) se o hospital proporciona alguma atividade para os profissionais paliativistas; 10) caso não disponibilize, quais poderiam ser disponibilizadas; 11) se é necessário ter espaços de trocas e reflexões sobre cuidados com a equipe paliativista no serviço; 12) se acreditam que atividades alternativas como (yoga, relaxamento, acupuntura etc) poderiam beneficiar os profissionais; 13) qual a influência do trabalho em Cuidados Paliativos na sua vida profissional e pessoal, e se a espiritualidade influencia na atuação profissional.

A entrevista foi conduzida pelas pesquisadoras e realizadas em fevereiro de 2019, no próprio hospital. A aplicação da entrevista foi individual e teve duração de uma hora com cada profissional. Os dados coletados foram analisados e categorizados segundo Bardin (1977).

3 RESULTADOS

Os dados sociodemográficos dos participantes estão demonstrados na Tabela 1, para garantir o anonimato dos participantes do estudo, estes foram denominados por letras e números.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes do estudo.

	Idade	Gênero	Profissão	Tempo de Formado	Tempo de trabalho com Cuidados Paliativo
P1*	40	Feminino	Enfermeira	15 anos	9 anos
P2	33	Feminino	Terapeuta Ocupacional	10 anos	10 anos
P3	33	Feminino	Psicóloga	9 anos	3 anos
P4	41	Masculino	Médico	16 anos	9 anos

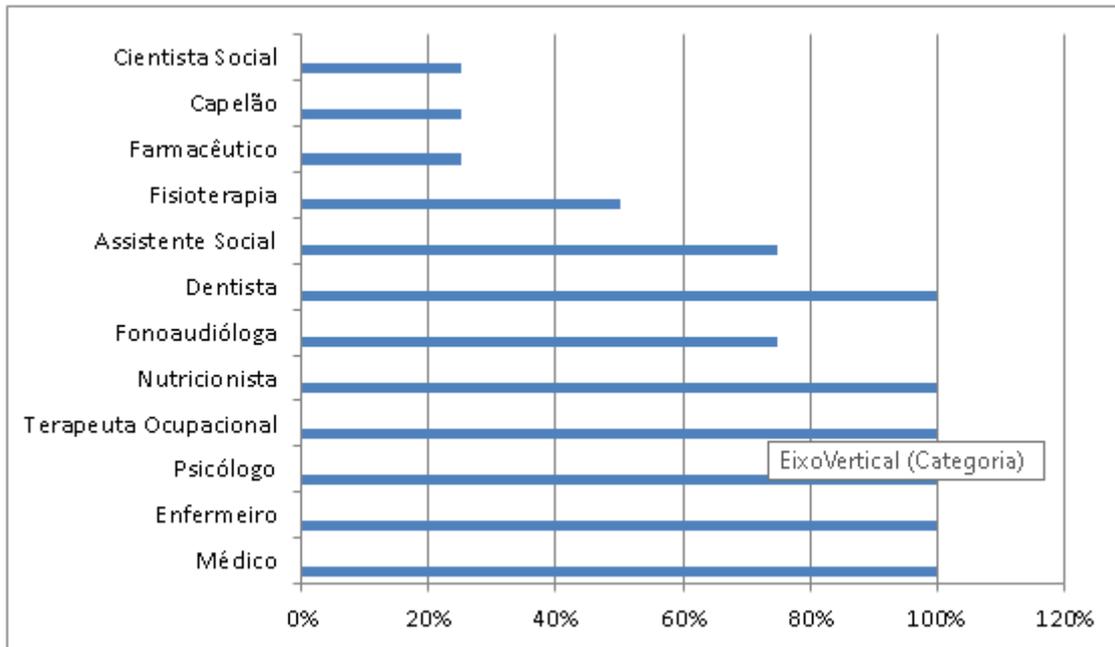
P1* – Profissional 1

Pode-se observar na Tabela 1 que a faixa etária dos participantes variou de 33 a 41 anos, com média de idade de 36,75 anos. O sexo feminino predominou no estudo sendo três participantes do gênero feminino e um do gênero masculino. Sobre o tempo de formação, a média foi 12,5 anos e em relação a trabalhar com Cuidados Paliativos a média de anos foi 7,75 anos. Observou-se que a terapeuta ocupacional foi a profissional que trabalha há mais tempo na equipe com Cuidados Paliativos (10 anos), seguida do médico, da enfermeira (9anos) e da psicóloga (3 anos).

Os participantes deste estudo não tiveram disciplinas específicas sobre Cuidados Paliativos durante a graduação, entretanto, ao serem admitidos no hospital, fizeram a especialização em Cuidados Paliativos ministrado pelo PalliumLatinoamérica, da Argentina, oferecida pela instituição.

Em relação aos profissionais que devem compor uma equipe em Cuidados Paliativos, a Figura 1, traz a relação dos profissionais citados pelos participantes que devem compor essa equipe. Optou-se por apresentar a porcentagem das indicações para comparações futuras com amostras maiores. TALVEZ SEJA INTERESSANTE EXPLICAR O MOTIVO DA APRESENTAÇÃO EM DADOS PERCENTUAIS, UMA VEZ QUE A AMOSTRA É PEQUENA.

Figura 1 – Percepção dos participantes de quais profissionais devem compor uma equipe de Cuidados Paliativos



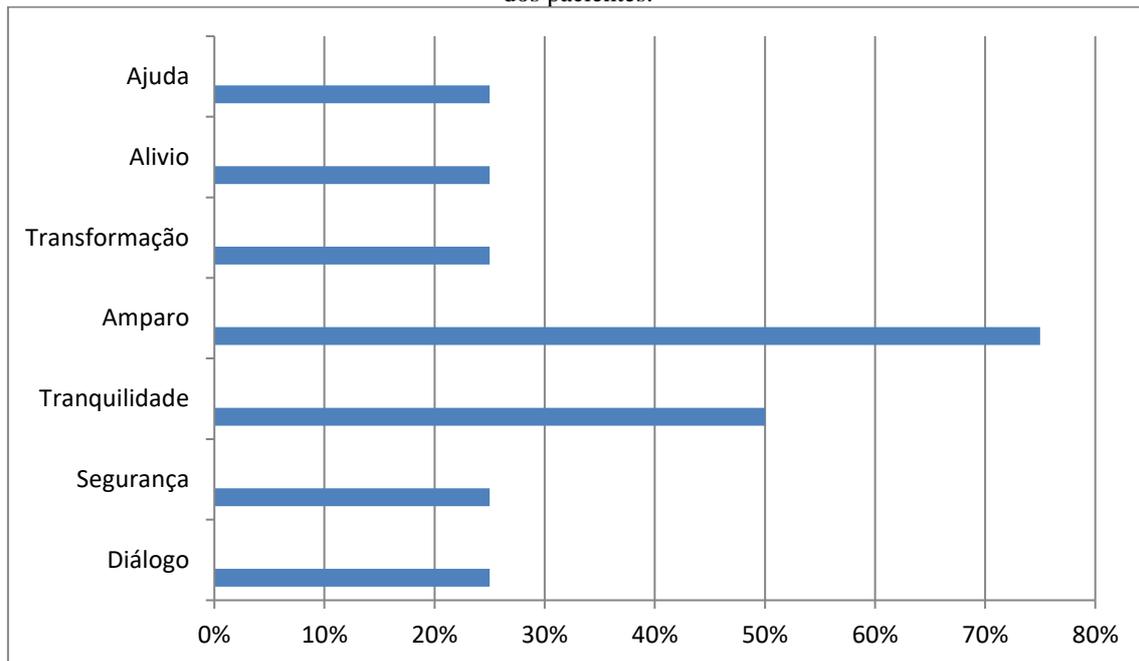
Os quatro participantes do estudo entendem que uma equipe paliativista deve ser composta essencialmente por médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, nutricionistas e dentistas (100%). Os profissionais fonoaudiólogos e assistente social foram citados por três dos quatro participantes (75%), o fisioterapeuta foi citado por dois participantes (50%) e o capelão, farmacêutico e o cientista social foi citado por um dos participantes (25%).

Os participantes apontaram como primordial, em relação ao perfil profissional, que todos pensem na integralidade do cuidado, no autoconhecimento, que sejam empáticos, compassíveis, tranquilos e humanistas.

Em relação à importância dos Cuidados Paliativos para os pacientes, percebeu-se que todos os participantes acreditam ser fundamental considerar não apenas a doença, mas o bem-estar, conforto e principalmente a sua qualidade de vida.

Já em relação à percepção dos profissionais, quanto à importância dada pelos familiares dos pacientes em Cuidados Paliativos, a Figura 2, mostra em detalhes.

Figura 2 – Percepção dos participantes sobre qual a importância dos Cuidados Paliativos para a família dos pacientes.

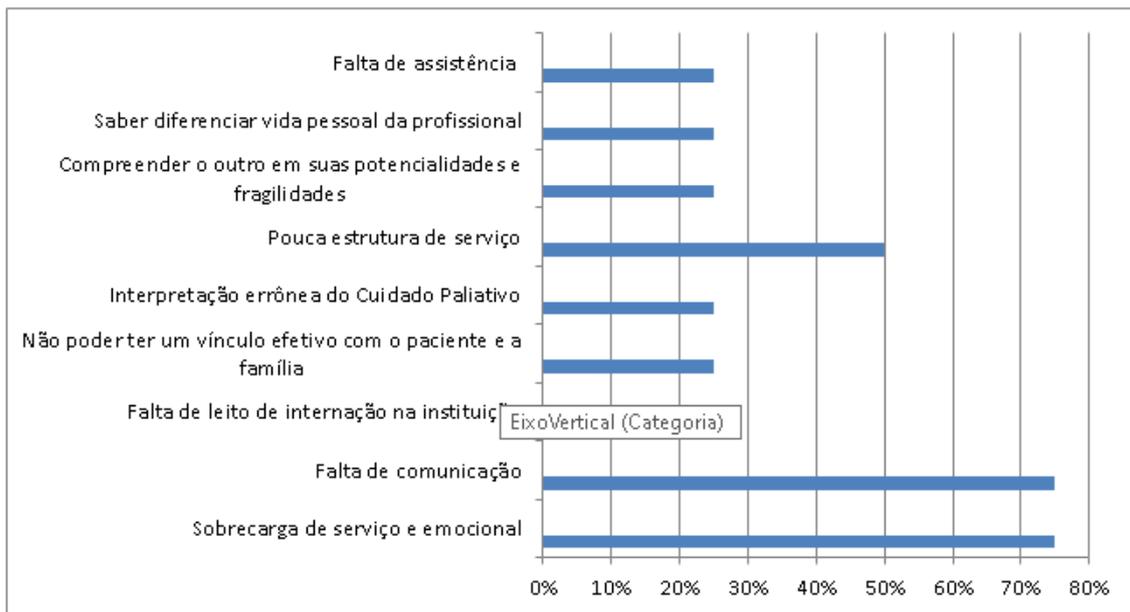


Nota-se que os profissionais participantes elencam várias dimensões em que os Cuidados Paliativos influenciam os familiares dos pacientes. O amparo e a tranquilidade foram os que mais se destacaram, seguidos da sensação de ajuda, alívio, transformação segurança e diálogo.

Para os profissionais participantes, a manutenção do vínculo e a comunicação são importantes para o compartilhamento das situações cotidianas, principalmente as estressoras, fazendo com que haja um bom relacionamento envolvendo a relação paciente, família e equipe.

As dificuldades existentes no processo de Cuidados Paliativos, relatadas pelos participantes, apontam para a sobrecarga emocional com excesso de serviço e a falta de comunicação entre os profissionais da equipe (75%), como as que mais dificultam o trabalho; seguida de pouca estrutura da instituição (50%). As demais citações (25%) abrangeram: a falta de assistência à equipe; a dificuldade em diferenciar a vida pessoal da profissional; a dificuldade de compreender o outro em suas potencialidades e fragilidades; a interpretação errônea do que sejam os cuidados paliativos, por não terem um vínculo efetivo com o paciente e os familiares; a falta de leito na instituição para atender a todos que necessitam. A Figura 3 demonstra a percepção da realidade pelos participantes.

Figura 3- Percepção dos participantes sobre quais são as dificuldades existentes no processo de Cuidados Paliativos.



No período deste estudo, a equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos não recebia nenhum tipo de apoio, por parte do hospital, de acordo com o relato dos participantes. Os participantes referiram como primordial a necessidade de assistência emocional, realizada por um profissional, para dar suporte ao trabalho da equipe. Relataram que espaços de trocas e reflexões são fundamentais, pois quanto melhor amparados psicologicamente, mais preparados para a assistência oferecida aos pacientes e seus familiares, e, com isso, evitando e ou minimizando o seu próprio sofrimento mental. Três dos quatro participantes indicaram a importância de reflexões e discussões sobre a morte, abarcando as influências espirituais, como uma estratégia das Práticas Integrativas e Complementares, entendendo que isso daria suporte e conforto para todos os envolvidos na intervenção.

4 DISCUSSÃO

No Brasil, a formação médica e demais cursos da área da saúde é precária em termos curriculares ao abordar e lidar com a morte⁷. Os estudantes não são preparados para tratar esses aspectos, levando à desumanização no cuidado a pacientes e familiares no processo de finitude da vida. A não abordagem da morte no ensino superior dos cursos que proporcionam assistência à saúde dificulta a atuação do profissional que cuidará de seres humanos em estado terminal.

Os estudos na área confirmam que a grande maioria dos profissionais não possuiu em sua graduação uma formação específica em Cuidados Paliativos, desta maneira, necessitam buscar tal aprendizagem exclusiva em cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* ou em programas de residências, muitas vezes custeados pelo próprio indivíduo⁸.

Os Cuidados Paliativos são realizados por uma equipe de profissionais, tendo como prioridade para a sua composição um médico, um enfermeiro, um assistente social, um psicólogo e um profissional da reabilitação, conforme demanda dos pacientes¹. Os relatos dos entrevistados corroboram com os estudos da área⁹ quando apontam para a necessidade de uma equipe multiprofissional composta por diferentes profissionais que atendem um mesmo paciente compartilhando as suas informações, quando necessário.

Os participantes desta pesquisa acreditam que o perfil profissional necessário para compor uma equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos é a integralidade do cuidado com o ser humano de maneira humanizada e holística, contemplando a multidimensionalidade biopsicossocioespiritual dos envolvidos, com o objetivo de proporcionar uma finitude mais digna com o mínimo de sofrimento possível, tanto para o paciente quanto para a família. Além do mais, precisam ter um conhecimento técnico científico adequado e preparo emocional, para o cuidado humanizado na saúde e embasado na compaixão, carinho e escuta ativa e qualificada, tornando o momento difícil mais suportável. O perfil pessoal necessário se pauta no exercício da ética e estética do cuidado humano sempre respeitando a individualidade e valorizando as potencialidades e capacidades do paciente^{8,10}. Ainda segundo os autores, o cuidado voltado à integralidade do sujeito supera os modelos assistências biomédicos, infelizmente ainda muito presente em diversas outras áreas de assistência à saúde^{8,10}.

Na busca pela qualidade de vida são fundamentais o controle dos sintomas clínicos e o diálogo com o paciente, descobrindo as suas vontades e desejos, pois nesse momento único de finitude da vida, os desconfortos físicos precisam ser controlados e aliviados, caso contrário, não será possível que o paciente reflita sobre a sua finitude e alcance a serenidade nesse período, principal objetivo dos Cuidados Paliativos¹¹.

Nota-se que os profissionais participantes elencaram várias dimensões em que os Cuidados Paliativos influenciam os familiares dos pacientes, relatando que os mesmos se sentem incluídos no cuidado do seu ente querido. Estudos da área destacam que os profissionais, ao visarem possibilitar conforto aos familiares durante o tratamento, preconizam a necessidade de uma boa comunicação, com respeito aos indivíduos e

relacionamento satisfatório de todos, possibilitando assim, o desenvolvimento do vínculo e da esperança nos momentos difíceis e em todo o período de tratamento do seu ente querido⁸.

A construção do vínculo na relação profissional, paciente e familiar em Cuidados Paliativos é extremamente necessária para a partilha das situações estressoras do dia a dia; propicia alívio do sofrimento gerado e o bom relacionamento de todos os envolvidos; proporciona melhoria na assistência prestada e maior satisfação com os resultados alcançados^{8,10}.

No intuito de possibilitar o conforto durante o tratamento, a equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos enxerga a necessidade da comunicação efetiva, respeito e relacionamento interpessoal possibilitando um cuidado com esperança mesmo nos momentos difíceis¹².

Quando há sobrecarga emocional, desencadeia-se o sofrimento psíquico do profissional e conseqüente desorganização das suas rotinas tanto profissional quanto pessoal. No momento em que o paciente não alcança os resultados desejados durante o tratamento terapêutico, depois do esgotamento de todas as possibilidades, os profissionais sentem-se impotentes imaginando que fracassaram no cuidado, alguns desenvolvem sintomas depressivos e negatividade. Apesar de todo o sofrimento apresentado pela equipe paliativista, os profissionais conseguem identificar a importância da sua atuação nesse momento de sofrimento, sentindo-se gratificados por poderem proporcionar uma finitude digna⁸.

Assim, pesquisas atuais sinalizam que o cotidiano hospitalar é um grande causador de sofrimento psíquico para os profissionais da área da saúde, além dos vários sentimentos misturados gerando sobrecarga emocional, pois os profissionais atendem muitas demandas de pacientes em um curto período de tempo, lidando com sujeitos diferentes em vários estágios da doença e tratamento⁸. Faz-se essencial que o trabalho proporcione condições favoráveis para a atuação de uma equipe cercada de sobrecarga física e emocional, além de ser fundamental que os próprios profissionais reconheçam as suas condições e limitações ao prestarem assistência ao paciente ou familiar em Cuidados Paliativos. Desta maneira, se faz fundamental que procurem ajuda quando necessário para suprirem o desgaste causado pelo trabalho, buscando um equilíbrio físico e mental, para assim desempenharem os seus papéis da melhor forma possível e não causando prejuízos à sua própria saúde¹³.

Os profissionais de uma equipe paliativista têm a necessidade de uma assistência emocional, pois, além da técnica presente em suas ações, vivenciam um ambiente angustiante e cheio de questionamentos. Nesse sentido, a equipe precisa saber lidar com os seus próprios sentimentos para conseguir auxiliar os outros em suas angústias¹⁰.

Diante de situações de dor e sofrimento de pacientes e de familiares, os profissionais necessitam conhecer suas próprias forças e saber usá-las produtivamente⁹. Precisam ter automotivação e atitudes positivas frente às incertezas, saber lidar com situações de estresses e reverses sem perder o autocontrole. Precisam desenvolver empatia para perceber o que as pessoas sentem, saber ouvir e buscar compreender o ponto de vista do outro, ter habilidade no trato social e no relacionamento interpessoal; e necessitam ser emocionalmente inteligentes para gerenciar emoções.

A preocupação demonstrada no relato de um dos participantes deste estudo, que aponta para a necessidade de um profissional que dê assistência emocional e que auxilie a equipe a refletir sobre as práticas pós-óbito, encontra-se também presente em outros estudos científicos, confirmando a importância de lugares e práticas pós-óbito dos pacientes, para que os profissionais da equipe paliativista consigam de maneira saudável, sem danos futuros, romper o vínculo construído no decorrer do processo de intervenção. Ao mesmo tempo em que o vínculo é positivo aproximando-os, também é motivo de sofrimento após a perda, assim, a equipe que cuida do sofrimento alheio também necessita de cuidados para organizar-se e seguir em frente¹².

O cotidiano enfrentando do sofrimento com a morte desencadeia, na equipe multiprofissional de cuidados paliativos, uma precisão de discussões para a compreensão das dificuldades desencadeadas no dia a dia, seja em discussões de caso com o restante da equipe ou em momentos de reflexão pós-óbitos de algum paciente visando à melhora tanto na atuação dos profissionais quanto no perfil pessoal de cada membro da equipe paliativista, uma vez que constantemente se deparam com situações complexas e desafiadoras diante das relações humanas⁸.

Estudos apontam que os momentos de trocas são dificultados devido à própria rotina acelerada dos hospitais, mas são necessários, pois o luto dos profissionais da equipe paliativista precisa ser vivido de maneira sadia não prejudicando as suas atuações com os outros pacientes e familiares⁸.

A realidade de trabalho da equipe paliativista suscita estratégia de cuidados para esse profissional, e isso pode ocorrer por meio das atividades integradoras como as que fazem parte das práticas integrativas e complementares, com a finalidade de prevenção

de agravos, de promoção e recuperação da saúde voltada ao cuidado contínuo, humanizado e integral a saúde⁹.

Os gestores dos serviços precisam atentar-se para as fragilidades vividas e apresentadas pela equipe paliativista, buscando proporcionar alguma atividade complementar diminuindo ou sanando as sobrecargas emocionais¹². Cada indivíduo descobre as propriedades terapêuticas de cada atividade complementar de maneira única, de acordo com seu autoconhecimento.²

De acordo com alguns estudos científicos, profissionais que não conseguem lidar bem com a sua própria morte encontraram dificuldades em lidar com a morte de seus pacientes, tornando o seu cuidado fragmentado, focado apenas nos sintomas físicos¹⁰.

A eficácia dos cuidados paliativos requer a compreensão sobre a espiritualidade, a compreensão dos objetivos da assistência e o ressignificado das ações em saúde; a conscientização de que cuidar de pessoas é uma virtude da experiência humana, portanto, requer um cuidado além do visível¹¹. A espiritualidade inspira a atuação dos profissionais da equipe e melhora a qualidade dos serviços prestados cotidianamente. Os profissionais tornam-se mais próximos das necessidades dos seus pacientes buscando um cuidado mais humanizado diante das aflições dos familiares nesse período de finitude da vida¹¹

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivos identificar e analisar a percepção de profissionais de cuidados paliativos, na área pediátrica, quanto a aspectos da formação e apoio para as intervenções. Os participantes referiram lacuna curricular sobre o tema, sobretudo na forma de lidar com a morte, oferecimento de curso de especialização e ausência de apoio emocional pela instituição hospitalar para os profissionais da equipe.

Os participantes apontaram para a importância de se ter espaços de reflexão e discussão sobre questões que sejam significativas para a qualidade do cuidado, que possam possibilitar a diminuição da sobrecarga emocional de trabalho e promover o equilíbrio físico e emocional dos profissionais.

Houve também sugestões para a ampliação da equipe, com mais abrangência de formação profissional, inclusão de estratégias de atividades para discussão e reflexão sobre a espiritualidade.

A prática dos Cuidados Paliativos no Brasil encontra-se em franca expansão, e estudos vêm apontando para a importância do cuidado voltado à equipe que cuida. Os resultados obtidos neste estudo apresentam uma realidade, suas necessidades e sugestões

de ações que podem favorecer a qualidade do serviço prestado com impacto social e na formação profissional.

REFERÊNCIAS

World Health Organization. **Palliative Care: Key facts**. 2018.

DA SILVA, D. I. Significados e práticas da espiritualidade no contexto dos cuidados paliativos em pacientes oncológicos adultos. **Clinical&BiomedicalResearch**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, 2011.

COSTA, T. F.; CEOLIM, M. F. A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 04, dez. 2010.

OLIVEIRA, A. C.; SILVA, M. J. P.. **Autonomia em cuidados paliativos: conceitos e percepções de uma equipe de saúde**. São Paulo: Acta Paul Enferm, v. 23, n.2, 2010.

GOMES, A. L. Z.; OTHERO, M. B.. Cuidados paliativos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 155-166, dez. 2016.

CUNHA, J. H. **Os Significados da Morte para os Profissionais da Saúde Frente ao Cuidado à Pessoa com Câncer**. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

PORTELA, S. G.; GALHEIGO, S. M. Cuidados paliativos na atenção domiciliar: a perspectiva de terapeutas ocupacionais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 23, p.15-29, 2015.

SILVA, A. F. et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 56-62, 2015.

ARAÚJO, M. M. T. et al. Inteligência emocional no trabalho em equipe em cuidados paliativos. **Revista Bioethikos**, São Paulo, v.6, n.1, 2012.

ARRIEIRA, I. C. O. et al. Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 52, n.3, 2018.

PERES, M. FP et al. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 34, n. supl. 1, p. 82-87, 2007.

HABEKOST, D. C. et al. Cuidados paliativos na assistência hospitalar: a vivência de uma equipe multiprofissional. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 4, 2013.

SILVEIRA, M. H.; CIAMPONE, M. H. T.; GUTIERREZ, B. A. O. Percepção da equipe multiprofissional sobre cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 7-16, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. Manual de cuidados paliativos ANCP. In: **Manual de cuidados paliativos ANCP**. 2012.

GARCIA-SCHINZARI, N. R.; SPOSITO, A. M. P.; PFEIFER, L. I. Cuidados Paliativos junto a crianças e adolescentes hospitalizados com câncer: o papel da Terapia Ocupacional. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Ribeirão Preto, v. 59, n. 02, abr. 2013.